

CEDI

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: Journal de Brasília Class.: PIX- Prod. Cultural
 Data: 01/05/85 Pg.: 608

Xingu, utopia amorosa
 4468
dos índios chega à TV

«A organização social e política dos índios, sua forma de convívio amoroso, a informação democratizada que jamais é usada para se obter vantagens pessoais, a não delegação de poder, tudo isso faz parte de nossa utopia, da utopia humana. Você quer algo mais revolucionário e moderno?»

E assim que Washington Novaes, sempre com sua fala tranqüila e até reverente quando trata dos índios do Xingu, explica seu interesse pelos indígenas brasileiros que ele mostra em magnífico painel na série de 14 episódios intitulada Xingu e que está sendo exibida todas as segundas-feiras pela TV Nacional, produzida pela TV Manchete em associação com a Intervideo.

Fascinado pela cultura do índio brasileiro, Novaes diz concordar inteiramente com a afirmação de Darcy Ribeiro de que «ninguém passa incólume pela experiência de ver o mundo pelos olhos de um índio».

Entre o desejo de Washington Novaes de participar ainda que como mero espectador desta utopia-real e sua concretização, passaram-se muitos anos: «Eu fui fazer televisão para falar do índio. Uma noite, lá por 1973, vi um documentário feito pela BBC e exibido no Brasil sobre uma tribo do Xingu e logo senti uma profunda atração». O seu documentário, no entanto, só foi realizado ano passado e, nesse intervalo, Washington Novaes, depois de levado por Reynaldo Jardim, naquela época, para a TV Rio, também foi editor do Globo Repórter da TV Globo.

Para realizar Xingu, ele conviveu com diversas tribos, passou dois meses e meio no Parque e gastou aproximadamente 16 meses para fechar a série.

«O convívio com os índios te toca fundo. E uma sociedade sem classes, onde não existe a figura de poder, uma sociedade onde as relações são muito respeitadas e ao mesmo tempo alegres, fraternais, não existe dinheiro, não existe nenhum sinal das mazelas de nossa sociedade: não tem hospício, não tem favela. Você entra neste mundo e tudo começa a se simplificar».

Para Washington Novaes, a complicação começa somente quando entram em cena os valores da sociedade branca, seus equipamentos que atraem os índios: «Aí eles começam a trabalhar para produzir excedentes e poder comprar algo de nossa parafernália tecnológica».

Com seu Xingu, Novaes pensou em passar um pouco tudo que viveu e aprendeu com os índios: «Li as críticas dos antropólogos da Funai e acho crítica sempre uma coisa boa. Mas entendo que se não passarmos ao público esse respeito pela força e a beleza da sociedade deles, quem vai defendê-lo? Nesta crítica também está um ranço teórico de que não existe esta coisa de bom selvagem, que isso é alienação».

Depois do convívio prolongado com os índios, Novaes confessa com certo desânimo: «Sabe, eu sai do Xingu com um pique danado, acho que editava toda a série em poucos dias. Mas aí você esbarra com a nossa organização social e percebe que somos os mestres em perder tempo, em dificultar as coisas. Realmente, o que te puxa de volta é a saudade dos filhos. Se não até hoje estaria lá. (Bebé Prates).